

| Conto

O BAILADO

Por Janailson Macêdo Luiz

SUBITAMENTE “ELA” ACORDOU, sentindo uma forte dor no peito. Assustada, ergueu o tronco de forma brusca e, como se tivesse despertado de um pesadelo terrível, procurou de imediato confirmar se havia abandonado o movediço reino dos sonhos e já se encontrava sob a proteção do mundo real.

No entanto, para a sua inquietação, logo percebeu que não havia despertado, como sempre, no interior do seu quarto e sobre a sua cama box, que todas as manhãs sinalizava o término das turbulências noturnas da sua psique. Pior ainda! Após examinar melhor o ambiente ao seu redor, viu-se completamente nua – Como? Por quê? – sentada sobre a areia fina e dourada de um imenso deserto, no meio de um mar de sinuosas, brilhantes e, segundo lhe pareciam, infinitas dunas.

“Que local é este? Como eu vim parar aqui?”

Ao tentar se colocar de pé, “Ela” sentiu uma náusea profunda, seguida de uma vertigem que quase a levava de volta ao chão. Para não cair, teve que apoiar as mãos nos joelhos, até se sentir reestruturada. Segundos depois, quando a náusea finalmente evanesceu, “Ela” tratou de se livrar do espesso e incômodo envoltório de areia que cobria boa parte do seu corpo. Todavia, mal acabou de dar o primeiro desbaste e diminuir a quantidade de areia sobre sua pele, os seus ouvidos começaram a captar uma música estranha, porém agradável, vinda de não muito longe. Quase ao mesmo tempo, seus olhos, instintivamente alertas, visualizaram uma fumaça vertical e contínua que se elevava por detrás da maior de todas aquelas dunas, parecendo originária de alguma fogueira; e “Ela” logo percebeu que a fumaça e a música tinham o mesmo ponto de origem; para o qual se direcionou, deslocando-se com cautela.

À medida que se locomovia sobre a areia, “Ela” deixava os rastros de seus pés gravados pela áurea cobertura do deserto e, a cada passo dado, sentia mais dificuldade ao tentar proteger seus olhos dos infinitos e constantes véus de poeira tecidos pelo vento.

“Ela” sentia: a música e a fumaça ficavam mais próximas a cada movimento seu. Quando chegou finalmente ao topo da grande duna, deparou-se com uma ampla área côncava, cercada por todos os lados por verdadeiras montanhas de areia, e ficou atônita ao assistir a cena mais excêntrica e esquisita que já presenciara na vida. Lá embaixo, entre as dunas, milhares de pessoas, de várias idades, sexos e etnias, dançavam nuas ao redor de uma fogueira gigantesca, enquanto entoavam a incompreensível e cativante sequência de sons que a pouco lhe chamara a atenção. Elas pareciam estar todas em transe, realizando alguma espécie de dança ritual e formando uma roda com, talvez, centenas de metros de diâmetro.

Em total sintonia, elas percorriam, em sentido horário, todo o perímetro ao redor do fogo, cantando e dançando com passos milimetricamente marcados e sem qualquer interrupção. Seus braços e suas pernas formavam um conjunto, movendo-se sempre no mesmo sentido, fazendo com que elas parecessem robôs programados para executarem sempre os mesmos movimentos.

Imóvel, “Ela” observava aquele denso anel humano girar, sem pressa, ao redor de uma fogueira que aparentava ter uns dez metros de altura e nutria labaredas de um amarelo hipnotizador. Sua mente, por mais que se esforçasse, não conseguia compreender o que estava acontecendo e que ambiente absurdo era aquele. “Ela” considerou extraordinário não haver qualquer instrumento de sopro, cordas ou percussão guiando o fio condutor da música, aparentemente mesclada ao ar e a tudo mais ao seu redor. Ouvia um cadenciado somatório de vozes, que se expressavam por meio de um melodioso e caótico idioma, totalmente desconhecido para “Ela”. Observava os saltos, giros e as expressões faciais de todos os dançantes, tentando compreender, inutilmente, o que tudo aquilo significava.

Talvez por isso, porque estava distraída, não percebeu que aquele caleidoscópio de vozes atravessava o seu corpo e seduzia o seu subconsciente. Sem esperar ou entender, “Ela” começou a sentir uma vontade indomável de se tornar mais um dos elementos que constituíam aquele inexplicável círculo. Ao dar-se conta de si, percebeu que suas pernas estavam seguindo uma espécie de comando oculto de seu cérebro e a levavam ao encontro das outras pessoas. Quando já beirava o extenso círculo humano, surgiu no mesmo uma

pequena brecha, a ser preenchida por “Ela”, como se aquele lugar já estivesse naturalmente destinado.

“Ela” ainda ponderou um pouco, refletiu se deveria ou não ocupar o espaço que lhe fora oferecido. Mas ao perceber que o círculo continuava em rotação e que sua vaga começava a se distanciar, resolveu, num impulso, tomar lugar junto aos dançarinos. Poucos segundos depois, sem qualquer espécie de ensaio ou treinamento, sem realizar qualquer diálogo com quem já estava na roda, ou mesmo receber algum tipo sinal, “Ela” passou a reproduz espontaneamente os mesmos gestos e sons que estavam sendo desenvolvidos, dançando e cantando com a mesma desenvoltura de todos os seus novos companheiros. Invadida por uma forte sensação de prazer, “Ela” sentia uma força poderosa comandar os seus movimentos e de todos os indivíduos que a cercavam, dissolvendo-lhes as particularidades e os inserindo numa espécie de realidade superior, transcendental.

Sua mente, seus sentidos e suas emoções convergiam para um pólo extremo de alegria e satisfação, deixando-a entorpecida de tanto contentamento. E com o fluir dos minutos, das horas, dos dias... com o fluir do tempo, que “Ela” mal pôde sentir, o significado daquelas palavras continuava ininteligível para a sua consciência, mas nem por um instante “Ela” deixou de repeti-las, extasiada, ainda que sem refletir acerca de seus significados.

*

Muito tempo se passou e desde que começara a dançar “Ela” não havia sentido uma vez sequer cansaço ou necessidades fisiológicas de qualquer tipo, e nem mesmo tivera alguma lembrança da sua vida fora do bailado ou saudade de alguém que conhecera em sua antiga vida. Nem pudera, pois entrara num estado de transe tão avançado que acabara perdendo, inclusive, qualquer noção temporal que ainda lhe restasse. “Ela” não saberia discernir se haviam se passado meses, anos ou décadas. Esqueceu-se até mesmo de quem era antes de entrar na roda de dançarinos e de que existia o lado de fora. Estaria morta? Estaria em alguma espécie de coma, tendo uma fantasia onírica bastante duradoura? “Ela” nem cogitava fazer-se questionamentos deste tipo, aparentemente óbvios para alguém que se encontrasse em uma situação como a sua, mas curiosamente excluídos do labirinto interior de ilusões onde “Ela” se encontrava.

O bailado representava agora a extensão do seu ser e aquela luz brilhante era o centro do seu universo, o astro-rei que orientava e dava sentido a todos os seus movimentos e dos seus novos companheiros. Estes também não aparentavam se importar com o que faziam e cantavam. Pareciam ter se esquecido de si próprios em prol da boa execução da coreografia a ser desenvolvida.

De um momento para o outro, entretanto, sem algum motivo aparente, a alegria extrema que a dominava começou a arrefecer. A música deixou de lhe excitar, os movimentos sem sentido perderam toda a graça e o sentimento de comunhão com o coletivo não lhe gerava mais qualquer prazer, pelo contrário, causava-lhe uma intensa sensação de enjoo.

O esfriamento brusco a fez se lembrar de que tinha uma vida, uma identidade fora daquele local, mas “Ela” não conseguia identificar nada de concreto acerca dessa identidade, já que toda compreensão nesse sentido aparecia-lhe apenas em forma de flechas, em sua maior parte bastante enigmáticos.

Embora não soubesse quem era ou de onde viera, percebeu, pelo menos, que nem mesmo sabia onde estava e o que estava fazendo no meio daquelas pessoas estranhas e, sobretudo, que existia algo importante sobre si, sobre seu passado, a ser descoberto. Assim, depois de muito tempo, “Ela” tentou voltar a controlar os seus movimentos, após refletir acerca das escassas informações sobre a sua vida, que ainda permaneciam gravadas em sua memória, mas que se referiam apenas ao período que se seguiu ao instante de seu despertar no deserto onde ainda se encontrava.

Mas seu corpo já não respondia mais a nenhuma de suas ordens, o que a fez se sentir muito mal. “Ela” já não raciocinava tão claramente quanto antes de integrar a grande roda de dançarinos e, mesmo resistindo muito, só conseguia pensar no próximo movimento a ser executado, mesmo não tendo nenhum domínio sobre ele ou qualquer outro. Desesperada, percebeu que não era nem mesmo capaz de parar de cantar, dançar, lançar sorrisos artificiais ou sair do círculo de dançarinos. Nem de se comunicar com os seus companheiros de baile, que deveriam estar passando, intimamente, pelo mesmo problema. Um observador que a estivesse analisando desde muito antes, entretanto, não perceberia essa mudança, pois externamente “Ela” mantinha a mesma euforia nos movimentos e o mesmo semblante de alegria e satisfação.

Porém, em seu íntimo, tomava, aos poucos, consciência de que não era uma dançarina vivenciando um grandioso momento de apoteose, mas sim uma prisioneira

daquele ritmo frenético e alucinante, que foi se enraizando no âmago da sua mente e acabou assumindo o controle do seu cérebro, não lhe deixando senão uma obscura, fragmentada e quase inacessível camada reflexiva e fazendo-a se esquecer de sua vida fora daquele bailado.

Só lhe restava, doravante, buscar uma forma de alcançar o âmago de sua consciência, para tentar encontrar um modo de evadir daquela situação ilusória. “Ela” não queria passar o resto da eternidade aprisionada em si mesma, repetindo os mesmos cânticos e os mesmos movimentos sem sentido, que só fizeram manter cativa a sua alma.

Mesmo sem conseguir a solução para o seu enigma existencial, “Ela” se encontrava disposta a buscá-la até o esgotamento de suas forças. Seu anseio de evadir do círculo vicioso em que se encontrava era, contudo, alimentado por algumas visões de outras realidades, das quais “Ela” teria feito parte em outras épocas, que lhe apareciam através de relampejos, quando conseguia atingir níveis elevados de concentração. Eram imagens fragmentadas de realidades que vinham à tona de repente, espécies de relampejos, que podiam ser visualizados, mas não permaneciam visíveis o suficiente para transpor a linha do incompreensível.

Ainda assim, “Ela” resolveu seguir esse rastro, engrunado entre as camadas mais profundas de seu ser. Não lhe era possível se esquecer da dificuldade e do alto grau de ambição do seu objetivo e, muito menos, livrar-se de ficar dividida entre, por um lado, a esperança de ter sucesso em sua busca, e, do outro, o medo de estar sendo seduzida por outra ilusão.

Até quando terá durado a sua procura? Terá sido bem-sucedida?